

Meu caminho não sou Eu

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

Eu creio, Zorba, mas posso estar enganado, que há três espécies de homens: os que têm como objetivo de vida - como dizem eles – comer, beber, amar, enriquecer, ficar célebres. Depois há aqueles que têm por objetivo não só a sua própria existência, mas a de todos os homens. Sentem que todos os homens são iguais, como se fossem um só, e esforçam-se para esclarecê-los, para amá-los o mais que podem e para lhes fazer o bem. Enfim, há aqueles cujo objetivo é viver a vida do universo inteiro: todos nós, homens, animais, plantas, astros, somos um só, somos apenas uma mesma substância que trava a mesma luta terrível. Que luta? Transformar a matéria em espírito.

Nikos Kazantzakis
Zorba, o Grego

Não é à toa que entendo os que buscam caminho. Como busco arduamente o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo de ser, o meu atalho, já que não ousa mais falar em caminho. Eu que tinha querido. O Caminho, com letra maiúscula, hoje me agarro ferozmente à procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde eu seja finalmente eu, isso eu não encontrei. Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, é os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada.

Clarisse Lispector
Em busca do outro – Aprendendo a viver

O outro, esse difícil

O diferente é o Outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade. É a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo na vida é o que Eu sou, e nem todos são como Eu sou. Homem e mulher, branco e negro, senhor e servo, civilizado e índio... O Outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza.

Ao ver de alguns, é preciso temê-lo e, então, será necessário domá-lo. E depois, é inevitável domar o seu fantasma no espírito do dominador que o coloniza. De outro lado, podemos reaprender a ver o Outro. A olhar o seu rosto e a saber sentir-com. E, então, conhecer, compreender e acolher. Mas também parece ser inevitável – afinal, além de humanos, somos sociais - traduzi-lo, explicá-lo, ou seja, reduzir a sensível realidade viva

diante-de-mim, ao poder de uma outra realidade. Também por isto escrevemos ciências.

Entre pesquisas e pensares, estamoos aqui e ali sempre empenhados e decifrar realidade dos símbolos e valores que de algum modo nos possam dizer quem são as pessoas e o que elas valem, umas diante das outras, umas através das outras. Por isso o Outro deve ser descrito, analisado, interpretado e, quando possível, compreendido de algum modo. E caberá aos ansiosos, aos filósofos e aos cientistas da pessoa, da cultura e da sociedade que cuidem disso. Mas também aos amorosos, aos místicos e aos poetas.

O Outro me obriga também a decifrá-lo, para que os lados mais difíceis de meu-Eu, de meu-mundo e de minha-cultura sejam repensados e retraduzidos através dele, de seu mundo e de sua cultura. Através do que há de meu nele, quando então o outro reflete a minha própria imagem espelhada, é talvez ali onde eu melhor me vejo.

“Espelho, espelho meu, existe alguém no mundo...”?

E ele... quem é? E pode ser o outro, meu algoz, meu inimigo. E pode ser simplesmente... o Outro ao meu lado.

O Outro ao meu lado

Quem quer que ele seja, o Outro-ao-meu-lado não é nunca um “outro qualquer”. Não é um mero “vizinho de banco” e não é um “desconhecido”, apenas porque Eu ainda não o conheço. Ele não é, sobretudo, um “ninguém”, como se, estando ao meu lado, ao meu lado eu não visse ali uma certa “pessoa alguma”.

Se algo ele tem a ver comigo em nossa escola, em nosso lugar comum de trabalho, na rua onde nós moramos, em nosso bairro, em nossa cidade, no mundo que habitamos juntos, o Outro-ao-meu-lado não pode me ser um alheio. Se eu assim desejar, ele não é um rival, não é um concorrente e nem um competidor. Ele não é meu inimigo, mesmo que por um momento ele se coloque assim frente a mim. Pois mesmo podendo estar socialmente contra mim, ele é um alguém existencialmente ao-meu-lado.

Ele viaja comigo uma parcela de nosso destino, e somente este pequeno fato nos torna parceiros na vida. O desconhecido que por quinze minutos viajou com você repartindo um mesmo banco de ônibus, e mal roçou a manga de sua camisa na de seu casaco, ao sair leva com ele algo seu que é bem mais do que aquilo que foi roçado.

Diferente de mim, o Outro-ao-eu-lado é uma pessoa como Eu. Uma pessoa que por um breve momento, ou por um longo tempo a vida, escolheu estar onde está agora: ao-meu-lado, aqui. E “aqui” é o nosso mundo!

O Outro-ao-meu-lado é um rosto. Ele é o corpo de seu rosto. Ele é um espírito, ele é uma sutil consciência. E tanto um (o rosto) quanto a outra (a consciência) animam este corpo-ao-meu-lado. Ele é um ramalhete de saberes, de sentidos, de significados e de sensibilidades.

Eu estava ao lado de um sábio e ele foi embora... e eu não sabia. E que eu aprenda este sutil saber, porque sempre será assim.

Nossos rostos podem se ver. Nossos corpos podem se tocar, nossas consciências e nossos espíritos podem se comunicar, nossos saberes, sentidos e significados podem dialogar, nossas sensibilidades nos levam e convocam ao acolhimento mútuo do Outro-ao-meu-lado. De um alguém que mesmo antes de me revelar o seu nome, pelo simples fato de estar aqui-e-agora-ao-meu-lado, é um ser que já de antemão me desafia a acolhê-lo como um meu-Outro, um próximo, um irmão, um outro-Eu.

E Eu sou-quem-Eu-sou não apenas porque sou-um-ser-em-si-mesmo. Sou Eu-quem-Eu-sou porque sempre o encontro com um-Outro-que-não-Eu reconstrói comigo algo além de um Nós. Constrói um elo. Edifica sobre o chão de nosso encontro o entre-Nós que o faz ser quem-Ele-é-e-se-torna, e que me ajuda a aprender a ser-quem-Eu-sou. Sou quem-Eu-sou porque mesmo na mais absoluta solidão nunca Eu estou em verdade só. Sozinho e comigo-mesmo, estou com o coração, a memória e a mente povoada de meus Outros. De Outros que por haverem por um instante, ou por uma vida estado ao-meu-lado, estão agora dentro-de-mim.

Reconheço, logo penso. Amo, logo sinto. Acolho, logo existo. Partilho, logo sou. Tudo o que está escrito, sobretudo nos capítulos do meio para o final deste livro entrelaça variações dos verbos e de outras palavras escritas nas linhas acima. Terei alcançado em boa medida o que sonhei para este livro, se ao seu final puder imaginar que logrei transmitir a ideia e o afeto de que a grande aventura que vivo diante de um Outro é a partilha de minha vida ao seu lado.

Quando Emmanuel Lévinas conclui *Difficile liberté*, um livro em que ele, um filósofo judeu, dirige-se de forma mais direta a outros judeus de tempos não tão distantes deste nosso momento presente, ao final dos muitos artigos incluídos no livro ele o conclui com uma breve biografia. E ele a intitula: “assinatura”.

Uma das passagens de sua “assinatura” deve ser transcrita neste *introito* de nosso *O dilema do Outro*. Pois o Outro, o meu-Outro, o Outro-para-Mim é o primeiro e o último passo de tudo o que Lévinas escreve.

A experiência fundamental que a própria experiência objetiva supõe é a experiência do Outro. Experiência por excelência. Como a ideia de infinito ultrapassa o pensamento cartesiano, o Outro ultrapassa o poder e a liberdade do Eu. A desproporção entre Outro e Eu é precisamente a consciência moral. A consciência moral não é uma experiência de valores, mas um caminho para o

*ser exterior; o ser exterior é o Outro*¹.

A aventura do afeto

Somos quem somos porque nos tocamos de afeto em tudo e por tudo. Do ódio ao amor e do amor ao ódio, somos bem mais o espelho do olhar e do gesto silenciosos do Outro diante de nós do que a reflexão de duas idéias em nós. Um rosto, um gesto com as mãos, um sussurro que antes das palavras diz algumas vezes mais do que elas. Uma terna ou atenta maneira de olhar que antecipa o que, de novo, depois as palavras querem e nem sempre conseguem dizer. Tudo isto que é tão nosso, tão a matéria mais primordial e mais íntima de nossas vida, a ponto de não ficar bem nos artigos teóricos sobre a lógica da comunicação humana, e que, por isso, parece tão de menor importância. Mas que, ao contrário, é tão tudo o que nós somos: seres do afeto, sujeitos e atores sociais condenados à ternura, mais do que à teoria.

Melhor: compreendi que a ternura era o melhor da vida. O resto não vale nada. Não é por a esmola da velha do Evangelho ser dada com sacrifício que é mais aceita no céu que o ouro do rico – é por ser dada com ternura. O importante é a comunicação de alma para alma. A mão que aperta a nossa mão, o sorriso que nos acolhe, desvendam-nos um mundo. Às vezes é um nada que nos faz refletir, é o momento, é uma figura que nos entra pela porta dentro e de quem nos sentimos logo irmãos...²

Tudo aquilo que é criação única do espírito humano, e que ou é dado a outros e de muitas maneiras colocado no círculo dos diálogos, ou deixa de ter qualquer valor e qualquer proveito socialmente significativo. Ou aprendemos e reaprendemos a nos colocarmos e aos nossos bens no círculo do dom, da troca e da reciprocidade, ou nos estranhamos e nos destruimos. E porque “temos” que destinar bens tão preciosos aos outros, podemos viver juntos, trabalhar em proximidade, trocar com eles os frutos da terra e os da vida e, assim, aspirar a paz entre nós e entre eles e nós.

1. Emmanuel Lévinas, *Difficile Liberté*: 1973: 437

2. Na página 30 de *Se tivesse que recomeçar a vida*, de Raul Brandão, um escritor português de entre fins do século XIX e começos do XX. O livro foi publicado pela Brevíssima Portuguesa, em Lisboa, no ano de 1995.

Entre epígrafes e citações deste capítulo, Vejam que escolhi bem a propósito uma escritora e dois escritores. Dentre os da epígrafe a escritora é uma brasileira nascida na Ucrânia e, o escritor, de um grego, cujo livro de onde tirei a segunda epígrafe foi transformado em um filme. As imagens e as idéias deles nos deverão guiar por entre as linhas deste escrito sobre o afeto.

Clarisse Lispector fala do Outro como aquele que me salva. Meu caminho não sou eu; é o outro, “é” os outros. E o que há de fato em nós de humano se não cremos nisto? Se não tomamos esta fala, sempre ameaçada de tornar-se mais uma fórmula fácil de pequenas regras de relações humanas, como um ponto de partida de nossos encontros com outras pessoas? Literalmente: o Outro me salva. Mais, ele me faz e cria em mim quem eu sou.

Zorba, o folgazão personagem central do livro que trás o seu nome *Zorba, o grego*, classifica os seres humanos de acordo com as suas diferenças na acolhida do outro. E então, para que idéias germinais como esta não se transformem em uma teoria sem práticas, Raul Brandão nos lembra o milagre e o perigo (todo o milagre é perigoso) de existir em um mundo que acaba tornando as palavras mais reais do que o real. Seriam? Serão?

Muitos de nós vivemos, ou viveremos neste exato mundo. Um mundo de linhas e de signos que querem valer por símbolos, e um mundo de símbolos que querem viver em nós e entre nós como pensamentos, como idéias vivas. E um mundo de escrita e leitura, que de tanto pensar o real da intimidade, da vida, da interação e da sociedade como palavras que são escritas para viverem as idéias e as teorias que devem ser trocadas entre iguais criadores de palavras, acaba pensando, no imaginário das teorias realistas e também das fantasias quase delirantes de seus autores e atores, que é este e não o outro o mundo da realidade da vida.

Quero que minha contribuição aqui seja bem o oposto do que estamos acostumados a nos encontrar dentro e fora dos livros e das telas. Não quero aqui trabalhar teorias e nem fazer a crítica teórica de algum ideário. Desejo apenas pensar o sentido de algumas práticas de vida. Quero compartilhar com quem me leia a desconfiança de quem sem incorporar algumas delas, ou todas elas às nossas vidas e às nossas ações interativas e sociais, as nossas propostas de vocação emancipatória correm o perigo de se tornarem falas sem gestos, ou gestos sem substância.

Em tempos em que as promessas do mundo do mercado esquecem ou desqualificam a dimensão plural da vida humana, para vender a felicidade plena, desde que estendida à esfera egoísta do sucesso de cada um, ao absoluto privado, ao primado do privé tudo o que foi escrito e proposto aqui caminha com outros passos e em direção oposta. Talvez tenhamos chegado ao tempo de compreender - não com quem busca a teoria do mistério do humano, mas como que já quase se desespera com o dilema de sua sobrevivência, diante do perigo que nos vem de nós mesmos - que o oposto do amor não é propriamente o ódio ou a

violência, mas a utilidade instrumental de tudo, a começar pelas pessoas, e o desejo privatista de auto-centrar em um eu tornado o valor de tudo, o sentido da vida, os ganhos do trabalho e os usos do Outro.

Por isso os esboços das propostas de escolha da vida escritas aqui são de algum modo tão diretos e tão desafiadores. Elas querem sugerir que podemos nos transformar, agora e cotidianamente, em um mesmo-outro alguém, através de práticas de relações com o Outro, a Vida e o Mundo. Ou podemos deixar que talvez nossas palavras de apelo a um mundo livre e justo - a começar pela palavra que aqui nos une: libertação - não passem de um bom tema de teorias e uma boa letra de canções de um inocente protesto.

Em qualquer escala em que realize minha vida de trabalho profissional e/ou de militância, eu participo de projetos de libertação quando me liberto de mim mesmo. Quando realizo dia a dia gestos poéticos e atos poéticos e políticos que me façam sair de mim em busca de partilhar com os outros da construção de um sempre nós que nos estenda e nos salve de nós mesmos.

Para tanto será preciso talvez começar a pensar ou crer que a unidade concreta e experiencial do Ser não é um eu, mas um nós. E talvez nem mesmo exista um eu-mesmo fora de um nós-outros. E é bem provável que este nós unitário, na sua pluralidade, e como instância fundadora da subjetividade de um súbito e surpreendente eu-entre-nós não é uma essência construída. Não nasce como é e não existe fora do fluxo das relações intersubjetivas. Ele existe, perene e transitório, o mesmo e sempre outro, quando é e quando está sendo recriado a cada momento recriado através e nas reciprocidades vividas entre pessoas concretas e postas de algum modo em uma relação de encontro. Uma troca intersubjetiva que conecta atores interativos que não apenas vagamente se “relacionam”, mas que se recriam em uma relação vivida não como uma experiência do próximo, mas como um encontro do/com o outro. Esta é uma idéia viva no eu e tu de Martin Buber e creio que a grandeza de seu apelo mal nos toca ainda.

A relação dialógica criadora de unidades de nós-outros é de algum modo algo sempre presente, porque ela existe no ato que a cada instante está sendo criada e recriada através do encontro tão gratuito e recíproco quanto possível entre duas ou algumas pessoas. Ela é, portanto, uma sempre presença, e apenas existe quando de algum modo coloca o ser de um Outro em mim, diante de mim, comigo, e entre-nós.

Assim, o estender dimensões em que a pessoa de outros se abre, gratuita e inteira a mim, sem utilidades e proveitos, ou dentro de uma absoluta reversão, de tal sorte que exista de parte a parte a sirva a uma e outro, significa, no alargamento de minhas experiências genuínas de entre-nós, um também genuíno desfronreamento das dimensões do meu próprio eu. Este é o sentido em que tantas vezes dizemos entre nós que somente através de um

Outro Eu me encontro comigo mesmo e me realizo a Mim mesmo. Todo o olhar em que me compreendo e me vejo mais translúcido e transparente para mim mesmo, nunca é o que vem de um espelho, mas sempre de um rosto de um Outro. E isto porque uma outra pessoa nunca me deve ser genérica, uma abstração, um conceito, sequer uma identidade coletiva. Ela somente existe para mim na experiência do encontro como uma presença absoluta. É o seu ser estampado no enfrentamento de um olhar, de um rosto. O outro não me é sequer uma imagem, uma figura posta diante de mim. Ele é um rosto único. É por isto e não por uma crença metafísica nas excelências do ser humano que há quem morra por um alguém que mal acabou de conhecer. Som os e não podemos deixar de ser corresponsáveis uns pelos outros no sentido mais material deste elo. A presença de um outro diante de mim me impele a sair-de-mim em sua direção como o único movimento que me liberta e me torna genuinamente um eu-mesmo. Assim, em Emmanuel Lévinas.

Esta inversão humana do em-si e do para-si, do “cada um por si”, em um eu ético, em prioridade do para-outro, esta substituição ao para-si da obstinação ontológica de um eu doravante decerto único, mas único por sua eleição a uma responsabilidade pelo outro homem – irrecusável e inacessível – esta reviravolta radical produzir-se-ia no que eu chamo encontro do rosto de outrem. Por trás da postura que ele toma – ou que suporta – em seu aparecer, ele me chama e me ordena do fundo de sua nudez sem defesa, de sua miséria, de sua mortalidade. É na relação pessoal, do eu ao outro, que o “acontecimento” ético, caridade e misericórdia, generosidade e obediência, conduz além ou eleva acima do ser³.

Só quando estou genuinamente com-o-Outro, estou também comigo mesmo. E, assim, toda a solidão desejada é um exercício que me prepara para voltar um tanto melhor ao mistério do encontro com as outras pessoas. E a idéia de comunhão, que em nossos debates vamos deixando pouco a pouco de lado porque ela parece religiosa demais, espiritual demais, pode ser uma palavra de uma concreta e criadora força social. Eis que se ousarmos o bastante, poderemos compreender esta palavra tão afetuosamente conectiva, tanto no sentido de um amoroso e gratificante estar-com, ou um ser parte de, quanto com o sentido de um criar com o Outro. Sim, partilhar um momento da vida de um Outro para criar com-ele algo que seria impossível gerar por conta própria. Gerar, como razão de ser do encontro com

³. Na página 269 de *entre nós – ensaios sobre a alteridade*, editado pela VOZES, de Petrópolis, em 1997. É a resposta a uma das perguntas do diálogo sobre o pensar-no-outro.

outras pessoas, o próprio processo da partilha na criação de. Ali onde o que importa é sempre bem mais o viver o que se cria quando juntos, do que o produto prático que materializa a experiência de uma convivência criadora.

E neste caso às vezes tão limite, este “algo que se cria” na novidade da plena aceitação da pessoa do outro, é alguma “coisa” que, por ser o fruto de uma relação vivida no amor (= na aceitação de outros em meus cenários de vida), não deveria ser regido por uma razão utilitária de parte a parte. Ela não deveria ser utilitária, embora possa ser útil, e não deveria ser instrumental (o outro não me é meio ou instrumento algum de), mesmo quando viesse a ser proveitosa para os dois lados. A gratuidade está na porta de entrada e também na de saída de uma relação vivida como a presentificação de um encontro, por ser a partilha mútua e recíproca de um dom do ser, tão distante quanto possível do projeto utilitário regido pelo desejo do ganho do ter.

Tudo isto pode parecer difícil demais, angelical demais, romântico demais, quando lembramos do momento de mundo em que estamos mergulhados. Quando a memória do filme vivo de nossas próprias experiências cotidianas revela cenas e cenas onde o proveito e a utilidade de cada interação parecem nortear o motivo e a direção de cada ação recíproca, em todos os planos e em todos os domínios da vida. Ali, em nós, entre nós, onde queiramos ou não, uma mesma rotina parece gerenciar a lógica e a ética da vida: é e existe aquilo que vale; vale o que é útil; útil é o que é aproveitável por mim; aproveitável é o meu ganho diante de um outro, sob a forma de múltipla de um proveito, de uma vantagem, de uma conquista, de uma acumulação, de uma promoção.

Mas esta relação gratuita, porque comungante, em que o processo da criação através de um encontro vale bem mais do que o produto criado, revela por certo a face mais ancestralmente original de nós mesmos. Revela, creio, a face de uma vocação dirigida a continuamente nos criarmos a nós mesmos através do que fazemos entre-nós quando estamos juntos. Somos sempre a obra de nossas mãos e de nossos espíritos que de fato importa. E a própria libertação cujos desafios nos reúnem aqui, é aquilo que estabelecemos entre nós, como as múltiplas faces de uma mesma experiência da liberdade desde quando não somos mais do que plenos outros-sujeitos ou sujeitos-outros uns para os outros, uns através dos outros.

Assim, de algum modo, a libertação não é um ato político que nos transporta de uma estrutura social de produção de bens e de poderes para uma outra, quando o que se tem é apenas uma passagem de sociedades e de padrões normativos de relações entre pessoas onde um primado do utilitário e do instrumental apenas muda os seus sentidos, os seus nomes e os seus senhores. A libertação é uma ruptura. Ela é a saída de qualquer estrutura-cenário de relacionamentos interativos (aquela que estabelece e funda um “nós”) e sociais

(aquela em que nós criamos e estabelecemos os mundos sociais em de trocas e de reciprocidades em que vivemos nossas vidas) regida pelo primado do produzir o ter, por mais aparentemente justa e eqüitativa que seja esta lógica social de produção de bens e de serviços através de pessoas humanas.

Um idéia de resto bastante divulgada e esquecida hoje em dia, ao mesmo tempo, poderia encerrar esta parte de nossa conversa. Ela vem do também hoje tão esquecido Erich Fromm. Já a coloquei em alguma página bem anterior, mas quero relembra-la aqui.

O amor não é principalmente uma relação com certa pessoa. Ele é uma atitude, uma orientação de caráter que determina como alguém se relaciona com o mundo como um todo, e não com um “objeto” de amor. Se uma pessoa ama apenas outra pessoa e é indiferente ao resto dos homens, seu amor não é amor, mas uma relação simbiótica ou de egoísmo ampliado. No entanto, a maior parte das pessoas acredita que o amor é constituído pelo objeto, não pela faculdade. Na verdade elas acreditam inclusive que dão prova da intensidade do seu amor quando não amam mas ninguém, salvo a pessoa “amada”. ... Por não ver que o amor é uma atividade, um poder da alma, muita gente acredita que basta encontrar o objeto adequado, e tudo o mais se arranja por si⁴.

É a respeito de escolhas de vida e de opções de práticas sociais que eu quero falar algo. Mas conhecemos bastante, desde bem antes de Paulo Freire até depois de Martin Baró e de tantos outros pensadores e pessoas de ação militante, a respeito dos fundamentos políticos da direção de nossas escolhas e vocações. E o simples fato de estarmos reunidos aqui em Itaicí, vindos de vários cantos do Brasil e recantos da América Latina, para pensarmos juntos não tanto as nossas teorias acadêmicas, mas o sentido de nossas escolhas e práticas, é bem o sinal de que nos congregamos em busca de compreender com maior clareza o que fundamenta as práticas sociais de um campo de trabalho profundamente interativo. Queremos trocar mais experiências vividas do que teorias pensadas e queremos com isto dar sentido ao trabalho solidário de transformarmos uma múltipla prática profissional quase sempre restrita aos consultórios, em uma também prática social estendida às comunidades. E foram mais testemunhos “de” vida militante, como os de Martin Baró, do que o

4. Erich Fromm, **A arte de amar**, páginas 57 e 58.

intercâmbio de idéias “sobre” qualidades de vida, o que nos tem conduzido a pensar a Psicologia como uma Psicologia Crítica e, esta, como uma Psicologia Social da Libertação,

Sabemos que não exercemos uma profissão ligada de maneira orgânica à vida e aos direitos humanos à felicidade, tão somente para ajudar os excluídos de uma vida digna e os que sofrem os males sociais, interpessoais e pessoais desta exclusão a se ajustarem tão equilibradamente a si mesmos e tão produtivamente quanto possível ao seu mundo de vida e de trabalho. Isto é bastante, mas é ainda muito pouco e pode até ser injusto. Exercemos o trabalho de nossa profissão porque acreditamos que ele se entretete com o de muitos homens e mulheres na construção de novos seres humanos. Pessoas, mulheres e homens, recriados a partir de si mesmos e de suas interações solidárias, co-responsáveis, livres (ou a caminho demais liberdade), criativas e emancipatórias, em direção à construção viável de “um outro mundo possível”.

4. A distância entre o dizer e o viver

Há sentimentos em nós cansados de serem apenas os pensamentos que temos e trocamos entre nós em momentos como este. Há emoções fatigadas de tanto serem palavras. Palavras, frases ditas de um ao outro e de novo repetidas. A palavra é a morada do Ser, disse alguma vez, em algum lugar, Martin Heidegger. Mas um outro Martin, Martin Buber ousou dizer anos mais tarde que existe uma única palavra essencial: aquela com que um Eu constitui um Tu – um outro face a ele – como um puro pleno sujeito. E ao estabelecer com ele o acontecimento do encontro em uma relação, o Eu frente ao Tu descobre-se a si mesmo como um sujeito pleno, no reconhecimento de que o Outro é, para ele, assim também, e apenas assim também: um sujeito em si. O sagrado começa pela Pessoa que cada um/uma de Nós é.

O Outro, o meu Outro do encontro vivido - não experimentado, mas experienciado, pois nunca se trata de um experimento, mas de uma mútua experiência partilhada - como um pleno ser-em-si. Como um alguém sobre quem não devo ousar sobrepor o menor desejo de qualquer proveito para mim, quando, então, ele se revela a mim na inteireza daquilo em que ele me desafia a ser para ele também: uma pessoa. Mas a palavra essencial que funda a relação do encontro entre pessoas e em que, por isto mesmo, reside o Ser, corre sempre o perigo de perder-se no falatório que de tanto querer ouvir-se a si mesmo, apaga o Outro, torna-o coisa opaca, e afugenta o Ser⁵.

⁵. As idéias essenciais de Martin Buber estão em seu livro germinal: ***Eu e Tu***, traduzido e antecedido de uma notável apresentação por Newton Achilles von Zubem, para a Editora Cortez, de São Paulo, em 1977. Outro livro de Martin Buber, bastante relacionado ao que escrevo aqui é: ***Do Diálogo e do Dialógico***, publicado pela Editora Perspectiva, de São Paulo, em 1982, com uma apresentação de Marcelo Dascal, abordando a questão da Paz em Buber. Tenho em espanhol dois outros livros de Martin Buber, ambos editados em formato de bolso pela Fondo de Cultura Econômica, do

Há sentimentos cansados de serem ditos. Eles sabem de sua verdade: só são verdadeiros quando são fecundos e gratuitos gestos de trocas entre pessoas que se fazem livres na experiência sempre única, sempre original da construção do encontro. E são gestos assim, antes e depois de serem trocas de gestos convertidos na fala da busca de seus sentidos e seus significados.

Eles sabem que se perdem em nós quando os transformamos de gestos de partilha e reciprocidade em teorias sobre os gestos. E, depois, de teorias sobre os gestos em teorias sobre teorias de gestos. Eles dispersam a sua energia e a sua força criadora, quando se veem repetidos com exageros e requintes, em palavras entrelaçadas em graves frases feitas e ditas mais para serem admiradas do que entendidas e dialogadas. Quando acontece aqui e ali de especialistas em seus assuntos se reunirem para se ouvirem falando a si próprios através dos outros, sobre temas e questões sobre os quais escrevem e falam, mesmo sabendo que quase nada existe ali propriamente de um testemunho da vida dos gestos entre as pessoas. Gestos que tornam reais as questões humanas de que se fala, porque movem a sua força no mundo interativo da vida cotidiana e, não, a sua mera imagem no espelho nem sempre fiel das palavras. Se as minhas idéias não transformam a minha vida, em nome do que crer nas minhas idéias?

Há um conjunto de vivências interativamente pessoais, antes de serem culturalmente sociais, que de algum modo estão nos fundamentos das idéias e das propostas de Vida e de Mundo – o sempre presente “outro Mundo possível” - que envolvem palavras como: libertação, emancipação, justiça, igualdade, solidariedade, paz, harmonia, felicidade humana e outros termos da fala de que elas derivam ou com que se irmanam. Pretendo pensar a respeito de práticas de vida, que implicam decisões pessoais (eu comigo em minha vida individual), interativas (Eu-Tu⁶ na efêmera ou duradoura comunidade de um Nós que criamos e que vivenciamos juntos) e sociais (o mundo de estruturas e processos de interações e de significados culturais das interações que geramos, perpetuamos e transformamos, e dentro do qual vivemos nossas vidas pessoais e interativas).

Há uma outra razão e ela é mais importante ainda. Estou convencido de que na urgência dos descaminhos que o nosso tempo toma e a que nos obriga caminhar, contra ou a favor de própria vontade, precisamos criar agora, hoje e aqui, se possível, fatos novos. Estes

México. O primeiro é **Que es el hombre?** Na 13ª edição de 1985. O outro é **Caminos de Utopia**, na 5ª reimpressão de 1998.

⁶. Ao escrever *Eu-Tu*, o meu computador assinalou em vermelho a presença de um erro gramatical. Ao perguntar a ele o que houve, ele trocou a palavra fundadora Eu-Tu pela palavra *iodeto*. Mais um sinal evidente de como certas máquinas aspiram nos transformar em substância de máquinas, elas próprias.

fatos são decisões estéticas, espirituais, éticas, práticas e políticas de orientação cotidiana de nossos gestos de vida e de partilha da vida.

Creio que apenas quando nos transportarmos, aos poucos, mas sem retornos, a um outro modo de vida que antecipe o outro mundo possível, em e através de nossas interações e das redes de interconexões em que vivemos, poderemos pensar de fato e em profundidade a respeito do sentido de nossas próprias vidas. Sem a disposição pessoal e solidariamente partilhada de uma mudança de nossa maneira de ser diante da Vida e em seu nome, tão urgente e tão radical quanto possível, estaremos repetindo em nós e entre nós o eco das palavras e o número dos projetos que, mesmo quando dotados de uma sincera significação retórica, não logram dizer de fato a verdade do que sonhamos viver e partilhar como experiência cotidiana de um uma vida de libertação.

Desenho aqui o esboço de oito possíveis vocações de uma outra bem possível escolha de vida. Eles me parecem bastante realizáveis, passo a passo, e acho que são essenciais. Falo a respeito de cada uma delas a seguir. Escrevo mais alongado sobre as duas primeiras e com menos palavras sobre as outras. Pensemos nelas como os passos iniciais e fundadores de um longo e irreversível caminho entre trilhas em direção ao Amor e a experiência compartilhada de uma vida solidária. Em um mundo de vida regida cada dia mais e mais pela ética do mercado, podemos acreditar que nem toda a nossa experiência pessoal e coletiva de vida foi colonizada por ela. Que embora seja bem difícil mover-se em qualquer direção em nossas casas e ruas e em nossos locais de trabalho ou de outras convivências sem que algum forte apelo – quando não é mesmo uma ordem – em favor de gestos inter-objetivos e utilitários, podemos pensar de outra maneira e podemos criar uma recíproca contravenção libertadora frente a este estado crescentemente desumano e desumanizador em que nos vemos todos envolvidos. Afinal, é sempre da liberdade que se trata.

A ampliação do círculo do outro-próximo

Começo por algo bem simples e concreto, cotidiano e repetitivo mesmo: a relação face-a-face em minha vida e na do outro. O seu rosto e o meu. Começo por algo que não se esgota em uma ética profissional e nem mesmo em uma ética militante. Algo que para alguém (como fundamento) e para além (como horizonte) de teorias e de práticas sociais, creio que poderia ser mais uma tessitura de disposições de vidas que se encontram do que um receituário do “bem-viver” comum nos livros de auto-ajuda. Algo que toca a superfície e o fundo do poço das águas com que buscamos dar mais do que apenas um sentido pessoal e existencial às nossas vidas e partilhas da vida. Isto porque, na mesma linha das palavras de Clarisse Lispector no começo de nossa fala, o seu destinatário não é um Eu individual, mas

sempre a pessoa de um Outro. O Outro, Meu Outro (diferente do outro eu), meu alheio, meu estranho, meu oposto, meu colega, meu próximo, meu companheiro, meu irmão.

Vejam bem. Quando resolvemos nos colocar em qualquer posição situada do lado da vida; situada dentro de uma lógica da comunicação, em tudo oposta a uma lógica do interesse; situada a favor de práticas emancipatórias e de libertação opostas às práticas de exclusão, de submissão e reprodução do primado do mercado sobre a pessoa humana, esta decisão “contra a corrente” nos convoca a uma escolha de vida que poderia ser com simplicidade descrita através de oito (poderiam ser seis ou doze) passos de aprendizado de relacionamentos com o Outro e de presença ativa na corresponsabilidade pela partilha na construção de um mundo mais humano. Uma escolha de vida fundada na experiência do amor e também dos seus rostos mais sociais: a gratuidade, a generosidade, a solidariedade, o diálogo e a busca do primado, entre nós e entre todas as pessoas e povos, da verdade, da justiça, da igualdade entre diferenças, da paz e daquilo em que tudo o que é humano deveria desaguar, como um largo rio de águas límpidas, livres e profundas: a felicidade.

Sabemos por experiências próprias que não é muito difícil aprender a amar mais ainda a quem já amamos. Um dito corriqueiro dos meus tempos de estudante era assim: “a medida do amor é amar sem medida”, mas quase sempre nós o reservávamos temporariamente às namoradas. O dilema do amor entre as pessoas é bem outro. Ele é o alargamento do círculo das pessoas amadas. Talvez a metáfora mais humana e mais desafiadora para cristãos e não cristãos, seja a parábola do Samaritano. Quem é o meu Outro? A quem eu devo o meu cuidado, o meu desvelo? A quem devo servir, mesmo sem saber quem é “este” a quem sirvo? Quem é digno de meu afeto e quem é o sujeito de meu amor?

Colocadas em um plano abstrato, mesmo quando um plano ainda evangélico, essas perguntas são respondidas sem muito custo. E quem alarga no imaginário dos afetos pessoais ou mesmo na teoria de escolha o seu amor a “todas as pessoas e povos do mundo” por certo não se sente mentindo a si mesma e aos outros. Estamos mesmo vivendo um tempo em que muitas pessoas estendem o campo do seu amor pessoal a estas dimensões e se sentem verdadeiramente “em comunhão com todo o mundo”. Outras, e o seu número é bem crescente, alargam o dever do amor e da comunhão a tudo o que é vivo entre nós. E algumas levam o amor ao infinito e o cosmicizam, de tal sorte que desejam sentir uma profunda comunhão de sentimentos e de energias “com todo o Universo”. Mas, quem é Universo aí?

Mas algumas vezes, eu que convivo uma longa parte de minha vida com pessoas cotidianas do mundo da universidade, pergunto a mim mesmo e aos meus colegas e alunos: quem é, “ali”, o meu Outro. Quem é ele? E eu descubro e descobrimos juntos que vivemos todos os dias dentro de círculos muito fechados de amizade, quanto mais de ternura e de

amor recíproco. Como se chama a mulher quase invisível que deixa limpos todas as manhãs, os banheiros, os corredores e as salas de aulas? Como vive e em que pensa a copeira que serve o café durante as reuniões? Acaso algum dia eu conversei com os jardineiros. Nas placas dos prédios lá estão os nomes dos reitores, dos diretores e dos engenheiros da obra que realizou um dia o lugar onde eu trabalho. E o dos pedreiros? Terminado o prédio, eles podem entrar ali? Não, eles não podem. Uma pessoa anônima, recém-chegada e desconhecida, pode, desde que vestida com a roupa dos que possuem o poder do estudo. Mas eles não podem. E esta primeira exclusão faz parte dos silêncios de nosso dia-a-dia, antes de serem uma teórica “contradição estrutural da sociedade capitalista”⁷.

Em quase todos os nossos cenários de presença na vida cotidiana, convivemos com círculos concêntricos de relações de afeto, de estudo e de trabalho. De modo geral estamos presos a dois ou três círculos restritos. E com ou contra a nossa vontade eles operam por lógicas de inclusão-exclusão. Bem sabemos que uma contínua exclusão de outros parece ser sempre indispensável para que entre os meus genuínos outros possa haver alguma interação significativa. Assim senso, uma expulsão silenciosa de “todos os outros” traça limites confortáveis e parece tornar possível as reciprocidades de nossas vidas “ali”. É preciso que estejam em suas fronteiras, ou mesmo à sua margem, as pessoas que nos servem e que para outros efeitos remetemos a círculos mais distantes. Neles vão ficando, desigual e utilitariamente distribuídos, aqueles e aquelas com quem não temos uma relação afetiva e familiar ou mesmo uma relação utilitária e instrumental qualquer. “Instrumental”, aqui, é sempre um critério de inclusão-exclusão regido por um princípio de valor de trabalho produtivo e de ganhos oportunos.

Sem querer que isto aconteça, mas quase sempre sem fazer nada para que não seja assim, demarcamos com diferentes cores e tons simbólicos e sociais as diversas esferas de relacionamentos em cujo centro de referência e de identidade nos colocamos. Pois vivemos em culturas onde um “eu” é sempre um centro e está sempre situado em algum centro de. E, desde este legítimo e estranho centro da vida, de maneira desigual distribuimos as pessoas com quem vivemos experiências que de maneira sumária qualifico assim: pessoais-afetivas, afetivas-instrumentais, instrumentais-afetivas, instrumentais-próximas, instrumentais-distantes ou mesmo de evitação e de invisibilidade.

⁷.. *Quem construiu Tebas, a de sete portas?/Nos livros estão os nomes dos reis/Arrastaram eles os blocos de pedra?/E a Babilônia várias vezes destruída -/ Quem a construiu tantas vezes?/Em que casas da Lima dourada/Moravam os construtores?/Para onde foram os pedreiros na noite em que a/Muralha da China ficou pronta?/A grande Roma está cheia de arcos do triunfo./Quem os ergueu? Sobre quem triunfaram os Césares?/ ... Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos./Quem venceu além dele?/Cada página, uma vitória./Quem cozinhava o banquete?/A cada dez anos um grande homem./Quem pagava a conta?/.Tantas histórias/Tantas questões./* Palavras de: **perguntas de um trabalhador que lê**, de Bertold Brecht, tal como as transcrevi na página 39 de **educação popular e a escola cidadã**.

Temos sempre boas razões para conviver com esta exclusão de outros, entre próximos e distantes, dos círculos da presença e do afeto em nossas vidas. E, bem sabemos, em tempos e espaços sociais regidos pela lógica do proveito e da intenção de utilidade, que aos poucos nos forçam o transformar pessoas em produtos e relações interativas em relacionamentos regidos pelo desejo do ganho, há uma tendência cultural quase inflexível que nos quase convoca a reduzirmos a poucas as pessoas de outros com quem convivemos a experiência do encontro genuíno e da pura relação regida pelo afeto amoroso. Ao mesmo tempo em que, como se isto fosse natural, ao invés de ser socialmente naturalizado, distribuímos por distâncias entre a deferência educada e a indiferença costumeira, os próximos tornados distantes e os distantes tornados alheios, em nome do que uma vida interativa ilusoriamente viável e harmônica seja possível.

Podemos rever isto. Podemos revisitar este costume cultural perverso, cada um de nós e nós todos, juntos. Podemos repensar a lógica afetuosa de nossos círculos de convivência. Podemos nos abrir a círculos de vidas e de encontros amorosamente mais amplos e melhor entretecidos de uma convivência gratuita e desinteressada. Podemos fazer isto de maneira crescentemente motivada, a partir de uma progressiva abertura de nossos tempos de encontros e de nossos espaços de relações de afeto e convivência até limites mais e mais estendidos à pessoas a quem, teórica e politicamente, imaginamos estar servindo através do nosso trabalho intelectual ou militante.

Penso que é um mero exercício de imaginário vagabundo o estarmos sempre falando entre nós – o círculo dos auto-escolhidos para o direito de falar entre nós a respeito dos outros - sobre as práticas em favor de causas de inclusão e de justiça, de paz e de partilha solidária da vida e do destino, se não formos capazes de conviver o destino e a vida cotidiana com círculos de pessoas cada vez mais motivadamente ampliados. Círculos que submetem o interesse dos bens, onde eu busco no outro o espelho de minhas virtudes ou a resposta a meus apelos e utilidades, à gratuidade da partilha de dons, ali onde eu encontro alheios tornados outros, outros tornados próximos e próximos tornados irmãos e companheiros. “Companheiro” é uma palavra que no Latim original significa mais ou menos isto: “aquele que comparte o pão comigo”.

E, então, pouco a pouco poderemos chegar à experiência da partilha e do amor em que já não é um eu quem define quem é o meu outro, mas um nós solidário convivido por pessoas cada vez mais incapazes de estabelecer em nome da razão instrumental o círculo de pessoas com quem comparte uma vida sem lugar a tornar qualquer outra pessoa um sujeito tornado objeto, porque é útil, sem ser amado.

Este há de ser um primeiro aprendizado. Estender o sentimento do afeto ao outro-próximo a um tal horizonte que qualquer pessoa, sua presença, seu ser e seu rosto nos sejam

um convite a um gesto de reconhecimento amoroso. Quebrar a cada dia, em qualquer lugar da vida, as barreiras que classificam as pessoas e que estabelecem, antes de um primeiro gesto de aproximação, quem são os poucos que podem ser objeto de atenção e de amor, e que são aqueles que devem ficar do lado de fora da ternura, porque para ser bem vivida, a relação amorosa deve ser exclusiva e, portanto, excludente. E chegar então ao momento em que mesmo os que não parecem dignos de qualquer gesto de afeto, talvez venham a ser o limite do desafio da experiência do amor.

Martin Buber escreveu uma vez sobre uma passagem de aprendizado entre alguns jovens judeus hassídicos e seu mestre, o Rav. A passagem que me chegou às mãos sem maiores indicações, e que presumo ser de uma das muitas páginas do histórias do rabi, diz assim⁸: Num tempo em que não havia ainda o relógio, alguns discípulos perguntaram a seu mestre, para saber o momento exato do final do Shabatt: “Mestre, como poderemos saber que já é dia, de manhã cedo?” E antes que o mestre respondesse cada um buscava uma resposta oportuna. Foi então quando, em um momento de espera e de silêncio, o mestre respondeu: “você saberão que já é dia, quando houver onde está luz bastante para que na face de um outro qualquer vocês possam reconhecer o rosto de um irmão”.

E uma bela lembrança escrita um dia por Hanna Arendt poderia caber também aqui. Ela lembra que não é o plural, o círculo do nós, que deve ser representado como uma abstração. O nós, o plural, o compartilhado é a natureza do humano. O singular sim. Não o individual que existe na busca do outro e na partilha do nós, mas o individualismo que centra o sentido da vida na primazia de um só, que é uma abstração. Quando não é uma doença. Estar bem e conviver o dom do bem é deixar-se somar a e com os outros. Mas somar-se aos outros é o oposto do paralisar o círculo dos “meus outros” quando, do ponto de vista de minhas disponibilidades, meus interesses e meus sentimentos, ele já está “de bom tamanho”. Eis o que lembra Hanna Arendt:

Estar vivo significa viver num mundo que precede a própria chegada e que sobreviverá à partida (...) Não o Homem, mas os homens é que habitam o planeta. A pluralidade é a lei da terra⁹.

⁸. O livro existe em Português, em tradução e foi publicado pela Editora Perspectiva, de São Paulo.

⁹. Hanna Arendt, 2002 pg. 17 e 18

O alargamento do diálogo

Muitas coisas hoje em dia me causam espanto nisso a que damos o estranho nome de “vida intelectual”, sobretudo quando os seus cenários são os da academia, os da universidade ou de centros de estudos semelhantes. Uma delas me espanta mais ainda: a maneira grosseira e arbitrária como as pessoas e os seus pensamentos são incluídos ou excluídos dos textos e das falas. Paulo Freire, tão presente aqui entre nós nestes dias, é simples e arbitrariamente riscado de departamentos, de seminários e de livros. Não é que os que não comungam com as suas idéias ou não gostem dele o convoquem ao texto para fazerem ali a sua crítica. Ele é silenciado. É apagado. Não se menciona nem o seu pensamento e nem a sua existência. Nós também, leitores e herdeiros de Paulo, fazemos isto. E procedemos assim muitas vezes. Também no exercício do diálogo com outros procedemos por um semelhante processo de inclusões e exclusões. Acreditamos mesmo que somente poderemos estabelecer uma conversação proveitosa com quem lemos e a quem ouvimos na medida em que nos restringimos a círculos de outros próximos, entre os semelhantes e os cúmplices de idéias e de propostas com quem nos acostumamos a gerar pequenas confrarias, umas de longa vida, outras efêmeras, como boa parte das idéias que afinal defendemos.

Penso em uma reversão bastante grande deste estado de coisas do pensamento e das idéias. A respeito delas temos uma difundida compreensão possessiva, e a expressão às minhas idéias” costuma traduzir mais uma posse do que “eu tenho dentro de mim e é meu, minha propriedade intelectual”, do que mais algo que eu partilho com outros e que, por isso mesmo, é algo compreensível, tem sentido e também algum valor.

Em algum dos seus escritos Martin Heidegger diz mais ou menos isto Entendemos quando fazemos parte do que nos é dito¹⁰. Quero pensar alto esta frase simples e sábia, de diferentes maneiras próximas. Por exemplo: compreendemos quando nossos pensamentos fazem parte do que é compreendido; compreendemos algo quando passamos a fazer parte do círculo dos que compreendem aqui; compreendemos quando participamos do círculo onde circula o compreendido; compreendemos quando podemos passar a partilhar a construção de uma compreensão; compreendemos quando partilhamos com outros um círculo de busca de uma compreensão.

¹⁰. Não tenho maiores dados. Isto me foi dito e alguma conversa, talvez até de mesa de bar. A mesma coisa vai acontecer com a de Santo Agostinho, logo abaixo. Ela me veio de uma leitura de agenda, sem maiores citações. O que fazer com as rigorosas normas técnicas a este respeito, quando boa parte do que nos chega é dito em conversas ou está escrito em agendas e semelhantes, onde a necessidade obsessiva\ de precisões técnicas do texto inexistem?

Centrar o diálogo na busca do diferente e até mesmo do divergente. Buscar os significados daquilo que por poder ser multiplamente compreendido, pode justamente ser dialogado. Buscar convergências de sentidos e de saberes diversos onde havia antes a ilusão de alguma verdade que, por se pretender absoluta e definitiva, é também não-partilhável. Ouvi de um amigo a seguinte ideia de Santo Agostinho: a verdade não é minha e nem sua, para que possa ser sua e minha¹¹.

Há toda uma maratona de livros a respeito de metodologia do diálogo e das relações terapêuticas e didáticas centradas-no-outro. Mas não bem disto que eu falo aqui. Falo de um aprendizado do reconhecer que em uma grande medida convivemos com as “nossas idéias” como se elas valessem por serem as “minhas idéias”. Um individualismo doentio invadiu de tal maneira os meios em que nos relacionamos em busca de saberes e de sentidos de vida, que em alguns momentos tudo parece ser um debate cujo único proveito é a defesa de pontos de vista e a demonstração da excelência de um pensamento original. Bem sabemos o valor destes embates, acadêmicos ou não. No entanto, o empobrecimento deles e de nossa vida de pensamento não está neles, mas na passagem deles, de momentos de encontros de pessoas através de suas idéias, em busca de algo bom, belo e verdadeiro que possa ser partilhado diferencialmente (mas não desigualmente) por todas, para confrontos entre idéias através de pessoas. Confrontos onde uma vez mais a lógica da guerra ou a da competição do mundo dos negócios tendem a tornar-se o ponto de referência.

Penso que ao lado das teorias e descobertas a respeito dos infinitos alcances da mente humana, associados à abertura incomensurável a que nos desafiam os paradigmas emergentes, holísticos, não-dualistas, integrativos e transdisciplinares, deveriam corresponder a não apenas uma nova ética, mas a novas sensibilidades a respeito da responsabilidade que partilhamos enquanto criadores de saberes e de sentidos de vida e de destino.

A mesma coisa que os cientistas e epistemólogos descobrem e dizem a respeito da urgência de novas intercomunicações entre os campos do saber; a respeito da complexidade da mente e do conhecimento a respeito de qualquer plano da realidade – da arquitetura dos sentimentos de uma criança à arquitetura dos movimentos do universo –; a respeito da urgência de novas ousadas interações entre os diferentes saberes, reintegrando as artes, as espiritualidades, as filosofias nos cenários dos cientistas; a respeito, finalmente da relatividade de todo o que há e se pensa e da fragilidade e do efêmero de nossas construções teóricas sobre tudo e qualquer coisa, deveria valer também para nós mesmos, tomados em nossa

¹¹. E depois a encontrei na página XXX do livro *um caso de amor com a vida*, de João-Francisco Regis de Moraes, editado pela VERUS, de Campinas, em 2003.

individualidade e na dimensão das pequenas comunidades de pensamento e de trabalho criativo em que nos reunimos.

Todo o saber que é nosso apenas passa por nós por um momento. E, francamente, a excelência de “meu último texto” nunca deveria ser medida por algum ilusório e passageiro lugar de destaque no mundo das produções científicas. Ela deveria ser pensada em termos do possível bem que venha a fazer a alguém. Em termos puramente intelectuais, criei boas idéias em um texto se elas ajudam outras pessoas a irem além do que pensei, depois de me terem lido. Como um professor procuro pensar sempre que não me realizo quando escrevo as palavras que os outros não conseguem pensar ... e às vezes compreender. Ao contrário, devo viver as minhas aulas e criar os meus escritos para que os meus alunos e outras pessoas aprendam comigo, por um momento, a irem entre elas além de mim. Infeliz de quem nunca quer ser superado, pois eu sou superado quando participei do que facultou a outras pessoas o levarem a experiência da vida humana para um pouco mais a frente do lugar onde eu e minha geração conseguimos chegar.

Ao nos situarmos equidistantes de todas as tantas dimensões através das quais sentimos, pensamos e criamos algo em comum, aprendemos a ver o saber de nossas ciências como uma fonte de conhecimentos entre outras. Nem a única confiável e nem sequer a melhor ou a mais definitiva. A mim me espanta que entre nós, antropólogos, possamos por anos e anos praticar as várias escolhas teóricas e empíricas de nossas escolhas sem nunca lermos trabalhos de psicólogos sociais. Do mesmo modo como precisei esperar quase quarenta anos depois de formado em Psicologia para vir a saber que dentro dela existe algo chamado: Psicologia da Libertação. Que o reconhecimento de nossos mútuos desconhecimentos pelo menos nos ajude a compreender que o que pensamos pe indispensável, mesmo quando seja desconhecido. E também que, se tantos outros saberes nos são desconhecidos, é porque talvez estejamos encerrados demais no que já conhecemos.

Por outro lado, por antiquada e romântica que esta proposta possa parecer em tempos em que valores empresariais e utilitários crescem em seu poder de domínio sobre nossas cabeças, acho que, por isso mesmo, devemos repensar o lugar de origem e de destino dos saberes que criamos em nossas comunidades aprendentes e que colocamos à volta da mesa em encontros como este. Ainda penso que devemos aprender e ensinar as matemáticas não para formar contadores e financistas, mas como um preparo da mente para o exercício da filosofia. E ainda creio que devemos aprender gramática não para “falar e escrever bem” apenas, mas para aprendermos a nos maravilhar com a poesia escrita em tantas línguas, ao longo de todos os tempos.

O diálogo se perde onde o saber é instrumental e a sua avaliação tende ser cada vez mais utilitária. Pois em nome do que é útil e apenas isto, na se deve perder muito tempo

em buscar consensos onde antes existem divergências. Mas quando o valor do saber está centrado no sentido da pessoa e na busca de infinitas alternativas de compreensão (nunca de apenas solução) dos mistérios e dilemas da experiência humana, então as divergências se tornam diferenças e os consensos sabem que nunca irão esgotá-las ou transformá-las em sínteses proveitosas.

E a mesma coisa que as etnociências desvelam a respeito da pluralidade de concepções outras a respeito de tudo, provenientes de outras cultura, poderia ser aplicada também ao caso de cada pessoa. Cada ser à nossa frente não é apenas a pessoa do rosto de um Outro. Ela é, também, uma fonte original de saber. Ela carrega dentro de si e procura dizer entre palavras e gestos o saber de suas próprias vivências. E esta qualidade de conhecimentos, de memórias e de sensibilidades não pode ser nem medida e nem avaliada. No seu sentido mais simplório e também no mais profundo, ela é única e verdadeira. Posto diante de mim, o rosto vivo de um outro qualquer revela um saber menos formalmente importante do que o de Sócrates. Mas quando este alguém me diz o que sabe, as suas palavras não são, ali, nem menos sábias e nem menos verdadeiras. Porque são suas, e porque um rosto que olha o meu me diz o que a sua pessoa fala. Penso que esta certeza é o fundamento do diálogo. E não ter tempo para ouvir quem me fala, porque aparentemente não me parece alguém “digno de nota”, para ouvir apenas aqueles a quem me disponho a ler, talvez seja o gesto do esquecimento das melhores lições que eu poderia aprender.

A escolha da simplicidade voluntária

Podemos nos ensinar e aprender a repensarmos o sentido da posse e do uso dos bens da Terra em nossas vidas. Quando nos colocamos frente ao dilema de que, em termos gerais, a “humanidade” deve se dispor a modificar por completo o sistema de seus relacionamentos com a natureza, a começar por uma re-educação do consumo de bens, tendemos a pensar este dilema como algo tão planetário, tão universal, que não nos toca.

E esta transformação não apenas de alguns hábitos, mas de toda uma escolha de vida, só poderá ser consolidada se começar a ser tomada como uma questão pessoal, familiar e interativa, no âmbito dos pequenos grupos e das comunidades da vida cotidiana.

Creio que é chogo o momento de aprendermos a rever a relação pobreza/riqueza. Até aqui, negando isto ou não, ainda somos servos da lógica do mundo dos negócios ao pensar os termos da própria qualidade de vida.

Em nome de nossos direitos pessoais e familiares a um certo padrão de conforto que a tecnologia e o mercado nos prometem, lutamos por “conquistar” um estilo de vida cujo padrão de consumo acaba sendo sempre superior ao das verdadeiras necessidades de uma vida humana digna e simples. inteiro, a começar por povos do “Primeiro Mundo”, começam a

questionar o fervor excitante de uma vida consumista. Começam a colocar questões como a solidariedade (que nos espera um pouco adiante) e da sustentabilidade (idem) como dilemas e apelos que saem de uma “política dos outros”, para uma “ética de nós mesmos”.

Dado que as riquezas essenciais à Vida o Mundo se exaurem em escala assustadora, a solução não está em buscar novas tecnologias de “conquista da natureza”. Até mesmo os empresários da ALCOA sabem que este caminho apenas apressará o “final dos tempos”, previsto agora mais por cientistas leitores do futuro do que por crentes fanáticos leitores do passado. A única solução viável estará em um outro padrão de relacionamentos com a natureza em termos de não apenas uma “economia de recursos”, mas de toda uma outra escolha de reciprocidades com ela. As comunidades sustentáveis e o próprio desenvolvimento sustentável são apenas a roupa que cobre o corpo de nossas decisões pessoais e interativamente sociais a este respeito.

Podemos adotar uma vida muito mais simples. Podemos viver escalas de consumo, de posse e de uso dos bens disponíveis bastante menores, sem perda nenhuma da verdadeira substância de uma vida de qualidade, que bem poderia ser o outro lado de uma obsessiva luta por conquistar uma maior qualidade de vida.

Se bem sabemos que, em uma outra dimensão, os recursos do mundo natural, transformados em produtos e em ganhos sociais estão e estarão cada vez mais mal repartidos entre pessoas e entre povos de minha rua, de minha nação de todo o planeta Terra, podemos rever por completo o sentido de nossas escolhas. Não a miséria e nem uma pobreza indesejável, mas uma vida simples e compartilhada deveria orientar a nossa própria relação com o mundo do trabalho. De algum modo, o apelo antigo e atual no sentido de escolhermos estar com os despossuídos, com os excluídos e postos à margem, cujo número apenas aumenta aqui e por toda a parte, não deveria ser apenas uma distante opção política. Ele deve tender a ser uma escolha de vida.

Não se trata de renunciar a tudo e optar, entre Gandhi e Francisco de Assis, por uma vida doada, livre e realizada na e como pobreza. Podemos pensar na escolha de uma reversão do eixo dos interesses e sentidos de vida em direção a uma partilha do modo de vida das incontáveis pessoas para quem um intervalo entre a simplicidade e a pobreza é a única opção viável. Podemos aprender a perguntar o que de fato cada um de nós precisa para viver, e viver bem, na verdade, para que as outras pessoas possam também viver, tanto quanto nós, uma vida menos triste e menos à margem.

Estamos tão empapados de símbolos e de valores tão mercantis e consumistas em favor de um ajustamento à realidade, de uma oportuna adaptação à vida social, e mesmo de tão desejável harmonia de vida, que é difícil pensar em qualquer projeto de realização pessoal que não ameace perverter o “pessoal” em “individualista”. E é mais difícil ainda

imaginar qualquer projeto de uma vida plena e feliz que não seja também uma vida pelo menos confortável. E, bem sabemos, o conforto é o que se consome e o que se consome é o que se tem e o que se acumula.

O outro lado desta disposição que nos faz portadores individuais dos devaneios do mercado tem tudo a ver com o que foi escrito acima a respeito do diálogo. Ali eu procurava pensar o diálogo não como uma espécie de boa ética da tolerância com o Outro e as suas idéias, mas como uma outra ontologia do modo de conviver com os saberes e os valores. Quando eu desloco o que sei e o que creio da lógica da posse e do ganho para uma sensibilidade do dom, do fluxo e da partilha, tudo em mim se transforma. Deixo de viver o que aprendo como uma conquista ou um ganho. E deixo de experimentar o que eu sei como uma posse, uma propriedade de símbolos, saberes e significados. Vivo o que aprendo como os saberes de cuja criação eu participo e vivo o que aprendi a saber como algo que passa por mim, que por algum tempo flui instavelmente em mim e que somente tem algum valor se é recíproco. Se continua e crescentemente pode estar à volta da mesa, entre trocas e vivências de reciprocidades gratuitas e amorosamente generosas.

Não possuo para mim o conhecimento que adquiri e nem tenho o saber que sei, mas o conhecimento que criamos juntos e o saber que compartilhos passa por mim também.

Porque não pensar de igual maneira a respeito dos bens materiais que possuímos? Ou seja, por aquilo dos quinhões da natureza transformada em cultura que por um momento convivem conosco, sob a nossa guarda provisória. Podemos escolher o tomar como fundamento de uma escolha de vida este ensino que atravessa o imaginário das religiões, das espiritualidades e das filosofias mais humanistas: se que quero ser dono do que possuo, o que eu possuo me domina. Dito de outra maneira: tudo o que me faz desejar ter rouba de mim a vocação a ser eu mesmo. O que eu possuo assina por mim o meu próprio nome e o espelho de cristal onde a minha vaidade quer ver refletido o meu rosto, acaba sendo meu retrato mais fiel do que o meu próprio rosto.

Há todo um movimento universal de simplicidade voluntária. Pessoas, grupos e redes de participantes em todo o mundo se organizam e começam a ser escutados. Pode ser que tudo não passe de uma moda a mais. Mas podemos pensar que a diferença entre ser uma moda passageira e tornar-se um modo de vida que junto a outros possa de fato revolucionar o mundo em que vivemos, é outra coisa que depende de nós¹².

¹². Existem já alguns livros em português sobre o assunto da simplicidade voluntária. A indicação deles e de muitos outros artigos e notícias pode ser obtida em: <http://www.simplicidadevoluntaria.com>

escolha da partilha solidária

Um dos graves dilemas de uma escolha de vida pessoal e interativamente coerente com um projeto social de libertação está em que em ba medida algumas disposições conduzidas por preceitos de reciprocidade, partilha a solidariedade, ficam restritas a alguns grupos pequenos e a algumas confrarias. No entanto este é o passo seguinte ao da opção por uma vida simples e despojada, em favor da Vida e em comunhão com os outros.

Não basta a disposição de consumir menos e possuir pouco. Tomada sozinha, esta escolha pode desaguar em uma espécie de renúncia individual e até egoísta. Apenas troco as minhas posses de materiais para espirituais. Mas, fechadas no círculo de mim mesmo, elas acabam resolvendo – ou pretendendo resolver – os “meus problemas”. E tudo o que escrevo aqui conspira contra estes desejos solitários de “crescimento espiritual desde que os outros não me atrapalhem”.

Podemos reaprender a lição simples de possuir pouco e, passo a passo, possuir e consumir em conjunto. Tudo o que passa por nós e flui entre os outros e eu-mesmo, poderia passar e fluir em um generoso duplo sentido. Primeiro no sentido quase existencial, quase metafísico de que falei antes mais de uma vez. A experiência de que sou livre quando sou mais do que apenas uma pessoa desapegada. Quando me transformo em uma pessoa que vive o que possui como a experiência de um alguém através de quem as coisas passam, sem serem retidas possessivamente. A segunda pode ser a conseqüência política e ética da primeira. Se assim é, tudo ou quase tudo o que eu possuo (escovas de dentes fora) pode ser progressivamente colocado em comum. Pode sair do círculo de “minhas posses”, “meus bens” ou, pior ainda, “meus ganhos” ou “minhas conquistas”, para o circuito dos dons da vida e da cultura que partilho de forma recíproca (porque no fundo tudo são trocas) com as outras pessoas.

Podemos colocar em comum e partilhar com outros os nossos bens, os nossos talentos e os nossos serviços. Podemos tornar disponível o que possuímos e, assim, podemos passar do penoso possuir, reter e acumular para a experiência generosa do partilhar, ar e trocar, que nos livra, ao mesmo tempo, do que temos e guardamos para nós, e de nós mesmos, quando nos guardamos para o que temos. E esta é a semente da liberdade.

Assim sendo, a equação dar-receber-retribuir que em Marcel Mauss estaria na criação da própria ordem da vida social, passaria a vigorar entre nós em outros termos. Não mais uma reciprocidade fundadora e imposta, mas uma nova maneira de interagirmos fundada

integralmente em princípios de partilha, solidariedade e participação. Uma vida onde a reciprocidade deixasse passo a passo a esfera das obrigações impostas pela organização da sociedade - ali onde por toda a parte ela reproduz situações tão injustas e tão desumanas – e é remodelada por inteiro para fazer parte das escolhas recíprocas de uma vida social pensada em termos inteiramente outros.

Estamos também a tal ponto acostumados a viver entre os termos da economia de mercado, onde tudo é pensado em termos de compra-e-venda e de ganhos e perdas, que a possibilidade não propriamente de uma saída do comércio e do mercado, mas de os vivermos em termos centrados no ser das pessoas e, não, no possuir das mercadorias (pessoas incluídas), às vezes nos aparece como uma vaga fantasia. No entanto este seria o caminho mais humanamente realista. E um primeiro passo está no aprendizado de um outro olhar sobre as relações entre as pessoas, sobre as relações entre as pessoas através das coisas, e sobre as relações entre as coisas através das pessoas.

Podemos criar laços duais (como o laço cliente-terapeuta, por exemplo), grupais, comunitários, em redes e, no limite, nacionais e universais centrados em princípios de trocas e de reciprocidades que não excluem os ganhos pelo trabalho, mas que redimensionam a lógica e a ética das trocas de bens, de serviços e de sentidos. Podemos começar a criar formas solidárias e cooperativas de vida interativa e social interpostas entre nós e a economia de mercado. Podemos incentivar a criação de redes de trocas mútuas, de ajuda recíproca, de oferta-e-demanda. Podemos estabelecer princípios de uma outra ética econômica, pois uma economia solidária é possível e está bem mais em nossas mãos do que imaginamos.

Podemos ousar a criação de pequenas unidades de vida solidária que nada têm de amorismo ou de voluntarismo fantasioso. Antes, ao contrário, elas poderiam ser o embrião de uma outra economia e, por decorrência, de uma outra forma de vida social. Algumas experiências de vida associativa e de unidades e redes de trocas de produtos, ou de consumo solidário estendem-se por toda a parte¹³. Por agora são os agricultores e os pequenos artesãos os que nos têm algo a ensinar, pois eles saíram na frente. Mas agora começamos a nos perguntar se não podemos estender a experiência de trocas recíprocas e solidárias a outras esferas de vida e de trabalho, até o momento em que toda uma vida social alternativa

¹³. Além das várias unidades sociais de vida associativa, de experiências cooperativas e de partilhas solidárias, há redes que as aproximam. Aqui no Brasil é possível acessar a <http://www.redesolidaria.com>. Alguns livros recentes têm sido publicados e eu recomendo enfaticamente os seguintes: Marcos Arruda, **humanizar o infra-humano – a formação do ser humano integral: homo evolutivo, práxis e economia solidária**, VOZES, Petrópolis, 2003 (saiu apenas o 1º volume de uma série de três); Paul Singer, **introdução à economia solidária**, Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 1999; Euclides André Mance, **redes de economia solidária –aspectos econômico filosóficos: complexidade e libertação**; Antônio David Cattani, **a outra economia**, VERAZ Editores, Porto Alegre, 2003.

torne real a possibilidade de que venhamos a construir juntos, para habitarmos solidariamente, um “outro mundo possível”.

Participação na construção “de um outro mundo possível”

Dentro de um projeto que se imagina emancipatório e onde a palavra libertação fertiliza todas as outras, não estamos trabalhando para minorar sofrimentos dos que continuarão sofrendo, ainda que um pouco menos. Estamos buscando aqui e ali participar de ações sociais destinadas a gerarem um outro mundo. O mundo do lado da vida, de que falamos seguidamente. Estamos trabalhando para construir em nós e em toda a parte, cenários de vida de pessoas capazes de se assumirem como criadores de seu próprio mundo.

Quando proponho como passos em direção a um caminho emancipatório, algo como a simplicidade voluntária e a partilha solidária, elas não devem ser compreendidas como unidades isoladas e assumíveis uma sem as outras, e destinadas a gerarem algumas vidas mais “autênticas” em um mundo de vida que nega à imensa maioria das mulheres e dos homens uma existência de mínimos vitais. Não devem ser pensadas e vividas como uma ética dos bons propósitos, como disposições de escolhas de vida dirigidas à participação em todo um projeto local, nacional e universal de criação de outras formas de se viver. Destinadas a construir de fato um outro mundo regido por princípios bem distantes dos que regem a economia de mercado e a colonização mercantil da vida humana segundo os termos da globalização neoliberal. Parece que não temos mais a mesma clareza de antes a respeito dos nomes a serem dados a um outro mundo de vida e de trabalho. O seu horizonte ainda se desenha aos nossos olhos entre o solidário e o socialista. Mas foi-se o tempo em que nos perdíamos entre nomes e siglas. Terá chegado agora o momento de pensarmos em estabelecer agora os termos de uma vida que salte dos gestos interativamente éticos para os atos transformadoramente políticos.

Em um outro escrito deste livro trouxe um longo parágrafo de Marcos Arruda quando ele fala ponto por ponto das alterações que desenhariam a passagem de uma ordem social à outra. Quero que ele nos visite uma vez mais.

Uma série de redefinições emergem desta reflexão. O ser humano deixa de ser concebido como um indivíduo isolado e em competição permanente com outros, e passa a ser visto como um ser-em-relação, consciente dos desafios comuns a enfrentar e de uma existência comum a compartilhar. O mercado passa a ser visto como uma relação entre

agentes sociais conscientes, que deve ter seu espaço limitado pelo interesse público e precisa ser regulado a fim de servir aos objetivos maiores do desenvolvimento social e humano. A economia passa a ser concebida como um subsistema aberto num contexto mais amplo do ecossistema social, responsável por responder às necessidades materiais de cidadãos das sociedades nacional e global de forma justa e sustentável. O trabalho, que para alguns pensadores progressistas (como Jacques Rodin ou Roger Sue) deve, a partir de agora, deixar de ser traço de união social; ao contrário, seria libertado da prisão salarial e passaria a ser valorizado, enquanto práxis comunicativa e criativa, como núcleo do desenvolvimento humano, inaugurando não uma sociedade livre do trabalho, mas uma sociedade do trabalho livre.¹⁴

Compromisso com o Povo como meu Outro

Poucas palavras sobre este tema. Mas que elas sejam bem contundentes. Vivemos agora um tempo em que os descaminhos da ordem social não deixam mais categoria identitária alguma ou classe social alguma de fora. Ora, uma certa generalização de um estado de máximos extremos de desigualdade e de exclusão podem nos levar a esquecer que ainda é sobre os pobres e os postos à margem que o peso da sociedade desigual recai com maior força. Ainda são eles os oprimidos de quem falávamos em outros tempos.

E ainda são eles as pessoas e os grupos sociais-testemunho. Ainda é “lá de baixo” que nos chegam os maiores clamores. Mas é também “de lá” que a todo o momento chegam as frentes de luta e de resistência ao Mundo que vive ao mesmo tempo de seu trabalho e de sua exclusão.

Os movimento sociais populares, como o MST, ou os movimentos de minorias étnicas são e seguirão sendo experiências-guia de todo um trabalho social por onde são iniciados aqui na América Latina e por toda a parte, os enfrentamentos ao neoliberalismo mais consequentes. Se olharmos com calma e densidade o que tem acontecido com experiências sociais que em um primeiro momento atuavam distanciadas das causas populares, como aconteceu com as frentes ambientalistas, veremos que pouco a pouco as mais consequentes foram se aproximando dos movimentos populares. E, então, sem deixar de atuarem em seus campos originais de ação social, elas redesenharam boa parte de seus princípios e de sus estratégias de presença e participação. E isto representou e tem representado um grande

¹⁴ Marcos Arruda, *a nova ética global: crise da ética e da racionalidade*, artigo de **Globalização: desafios socioeconômicos, éticos e educativos**, de Marcos Arruda e Leonardo Boff, pela Editora VOZES, de Petrópolis. Na 2ª edição, de 2000, a citação está na página 44.

ganho de parte a parte. Vivemos em um mundo em que é ilusório pensar a “questão ambiental” sem vínculos bem fortes com a “questão da terra”. E esta última é, desde muitos e muitos anos, uma questão sempre presente nas causas populares, indígenas e de outras frentes sociais.

Vivemos tempos em que as causas e as frentes de luta e de esperança na construção do novo tornaram-se múltiplas e, em alguns casos, bastante movediças e até mesmo efêmeras. Ainda que sejam muitas as alternativas de participação corresponsável na construção do “outro mundo possível”, uma presença junto aos mais excluídos e junto aos movimentos populares ainda é e seguirá sendo a fonte de empoderamento dos outros movimentos emancipatórios. E a redefinição de vidas pessoais e interativas em termos de uma partilha solidária nos deveria impelir a um esforço para repensarmos a nossa própria inclusão profissional na vida social.

Creio que isto tem um sentido desafiador para todas as pessoas que de um modo ou de outro trabalham como educadoras, ou como também educadoras. Incluo aqui todas as pessoas que profissional, vocacional ou militantemente estão envolvidas em relacionamentos por onde passam de forma motivada e intensa tipos de trocas de saberes, de valores de vida, de sentidos de destino, de imaginários e de ideários de gestão solidária do presente e de construção de futuros mais justos e igualitários.

Precisamos mais do que seguir vivendo uma experiência profissional inteiramente imersa na rotina do mundo do mercado, reservando pequenas brechas de tempo e de energia (quando sobram) para algum tipo de participação em projetos emancipatórios. Isto é importante e de múltiplas e variadas maneiras envolve dimensões da vida de muitas e de muitos de nós. Mas é toda uma coletiva vida profissional que precisa ser repensada. E em tempos de privatização de quase todos os campos de trabalho e de uma progressiva colonização empresarial até mesmo de unidades de financiamento de ações sociais, ambientais e outras, como iniciativas da sociedade civil, é cada vez mais desafiadora a solução do dilema de como colocar o exercício de nossas profissões a serviço das maiorias excluídas e ,não, a serviço de minorias excludentes.

A escolha e a vocação da Paz

Nem todos souberam disto e pouca gente ainda se lembra, mas a UNESCO convocou todas as pessoas e, de maneira especial, todos os educadores do mundo inteiro, a se unirem em nome de uma Década de Culturas da Paz.

Assim como a proposta de uma socioeconomia solidária faz sentido no confronto com a economia de mercado que nos coloniza, assim também o apelo pela paz entre todas as pessoas e povos da Terra deve ser ativado em confronto com um “estado de guerra”

generalizado e com as formas de verdadeira violência que pesam sobre todos nós. Em um outro momento do que está escrito aqui neste livro lembrei um biólogo para sugerir que o oposto da guerra não é a paz, mas o comércio. Em uma outra direção poderemos compreender que o oposto de uma paz generalizada não é a guerra, mas o comércio, tal como ele tem sido exercido e estendido a toda a Terra.

A paz é bem mais do que um estado de boa vizinhança estendido da rua ao planeta. Ela entretence todas as esferas e todas as dimensões de relacionamentos entre pessoas; entre pessoas e instituições sociais; entre grupos identitários e outros; entre as sociedades e a natureza, entre culturas e ambientes.

De outra parte, mais do que nunca antes tomamos consciência de que tal como tudo, na vida social, e tanto ou mais do que a guerra entre povos e a violência entre pessoas, a paz é uma construção social. Ela é objeto de pensamento, de música e de poesia. Ela habita encíclicas de papas, pronunciamentos de diretores-gerais da ONU, festas com pessoas vestidas de branco, as pombas de Pablo Picasso. E habita, mais ainda, as ações concretas de pessoas e de grupos humanos em seu favor. Somos também nós, as pessoas da vida de todos os dias, os que podemos nos unir em favor da paz. A ela e não apenas ao “ajustamento social” podemos dedicar o melhor de nossos trabalhos profissionais.

Até porque a paz é também aprendível. Tal como o amor e a solidariedade, a paz se vive como um aprendizado. Várias educadoras e educadores do passado próximo e do presente nos lembram que ela não se ensina tanto através do aprendizado das letras e das normas. Uma vocação de paz é gerada sempre que um contexto amoroso e de profunda aceitação dos outros é criado em casa, na escola, em ambientes de trabalho e em unidades de ação social.

Penso que todas as propostas de vida solidária deveriam incluir a questão da paz em seus ideários. Creio que até mesmo os escritos e os manifestos mais científicos ou mais econômicos que tentam ir mais além do estado atual de criação de saberes e de criação de sistemas de economia e de política, deveriam encarar de frente a dimensão do amor no ser humano. E deveriam encarar de frente as alternativas de outras escolhas de vida como algo tão real e concreto quanto as políticas públicas dirigidas ao desenvolvimento econômico. E deveriam encarar de frente o fato de que tudo o que se propõe como uma política econômica e suas derivadas sociais deveria desaguar não em ajustes e em obras públicas, mas em felicidade humana, em um mundo afinal não apenas pacificado, mas amorosamente imerso em uma paz irreversível

Não há caminho para a Paz, a Paz é o caminho! Não sei quem afinal disse um dia esta frase que alguns atribuem a Gandhi. Gosto muito dela e a tornei um refrão do final de

minhas cartas aos amigos. Mais do que uma frase retórica boa para agendas esotéricas, ela é um chamado realista a todos nós.

Extensão do Amor a toda a vida

Se o amor é a experiência mais naturalmente humana e se é por ele, mais do que por pelo exercício da razão, que somos quem somos, em nada o amor tem porque ficar restrito aos círculos de vida dos seres humanos. Assim como sabemos que podemos exaurir o Planeta Terra de seus recursos naturais e, assim, torná-la tão triste e deserta como Marte, também podemos reverdecer e recriar por toda a parte a mesma Vida que continuamente ameaçamos.

A passagem de uma margem de escolhas para a outra importa também uma ampliação de relações interativas regidas pelo respeito, pela comunicação amorosa e pela reciprocidade, entre nós e os outros seres com quem compartilhamos a Vida na Terra. Este trânsito do primado do mundo dos negócios para o mundo da vida importa a transferência do desenvolvimento econômico para um desenvolvimento humano. Ele muda relações de domínio e de expropriação utilitária do meio ambiente por relacionamentos sustentáveis em que a natureza deixa de ser vista como um cenário inerte de objetos a serem explorados em nome de interesses de ganância do capital e passa a ser intencionada como um campo de Vida em interação amorosa com outros de seus seres: nós, os humanos.

Como estou o tempo todo falando aqui de pequenas disposições de quem de uma vez ou aos poucos se volta a uma outra escolha afetiva, estética, ética e política de vida, quero terminar estas palavras lembrando que uma vez mais podemos descolonizar a nossa vida cotidiana e podemos adotar toda uma série de gestos de sustentabilidade pessoal e interativa. E este “interativa” estende-se a plantas e bichos, à terra e à água.

Experimente comprar mais de produtores orgânicos do que dos tecnológicos. Experimente frequentar menos os grandes supermercados e mais as feiras de produtores locais e artesanais. Experimente viver entre menos plásticos e entre mais papéis e panos. Experimente somar-se às pessoas de sua rua, de seu bairro, de suas vizinhanças próximas e planetárias atentas ao que se passa neste imenso quintal que começa à sua volta, em sua casa, e estende-se por toda a Terra. Então você saberá por conta própria do que eu estou falando.